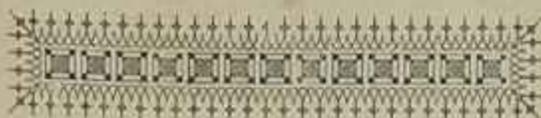


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 653	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,800	1,900	950	8120	20 DE FEVEREIRO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4,000	2,000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,000	2,500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Temos o estruído á porta, e, como os dias vão lindos, por toda a parte, theatros, associações, collegios, vai uma alegria.

Nos tempos que vão correndo a alegria é um descanso. É preciso ás vezes ser-se alegre, como é preciso dormir... para esquecer.

Os theatros preparam-se para a quaresma, todos elles com peças novas, das que melhor sabem atrahir o publico.

Nem menos de quatro, Trindade, Rua dos Condes, Avenida e Apollo, teem revistas do anno em ensaios.

Estamos bem convencidos de que em qualquer d'elles não existe um só logar para a primeira recita.

Se as primeiras representações de qualquer original portuguez teem sempre a virtude de excitar a curiosidade, e se empresarios e auctores muitas vezes se veem apouquentados com pedidos á ultima hora, as revistas, mais que outra qualquer peça, são ha muito queridas d'esse publico especial das primeiras representações, que vai ao theatro, antes movido pela curiosidade do que ha de ser, do que por mero passatempo, para passar duas ou tres horas distrahido da vida.

Effectivamente a critica dos factos que mais nos commoveram e interessaram, a forma mais ou menos picante por que teri de ser feita a personagens que durante um anno influiram no nosso pensamento e vida, são razões de sobejo para nos atrahir, sem falarmos em pequeninos escandalos, que poderão dar-se e que todos desejam ver em primeira mão.

Contrastando com a vida carnavalesca, que já, mais ou menos, se vai conhecendo cá fóra, luvas cahindo sobre os chapéus e um ou outro rabo em abas de sobrecasaca, o theatro de D. Maria acaba de levar novamente á scena o *Othello* e o de S. Carlos deu-nos a primeira representação da obra prima de Puccini, a já famosissima *Bohème*.

Todo o elogio ao desempenho do *Othello* está feito desde ha muito. Dizem os que, ha já bons annos, o viram, quando da primeira vez foi representado no theatro de D. Maria, que em nada mereceu agora, tendo sido os principaes papeis confiados aos mesmos artistas, que tão distinctamente haviam sabido dar alma e vida aquelles extraordinarios caracteres de *Othello*, *Iago* e *Desdemona*.

A primeira representação da peça n'esta época foi motivo para novas e entusiasticas ovações a Brazão, João Rosa e Virginia.

Em S. Carlos a *Bohème*. Ha muito que uma opera lyrica não é tão unanimemente applaudida e festejada.

Concluida ha pouco mais d'um anno, tem dado volta triumphal ao mundo inteiro.

E, entretanto parecia impossivel que um outro genio houvesse, que assim pudesse em outra arte, dar-nos a mesma profunda commoção que, a quantos são novos e teem coração para sentir, dá aquelle genial poema de Murger, *Scènes de la Vie de Bohème*.

Como aquelles personagens são todos bem vivos! Quem não riu com *Schaunard* e *Colline*? Quem não se encantou com *Marcello* e *Musette*?

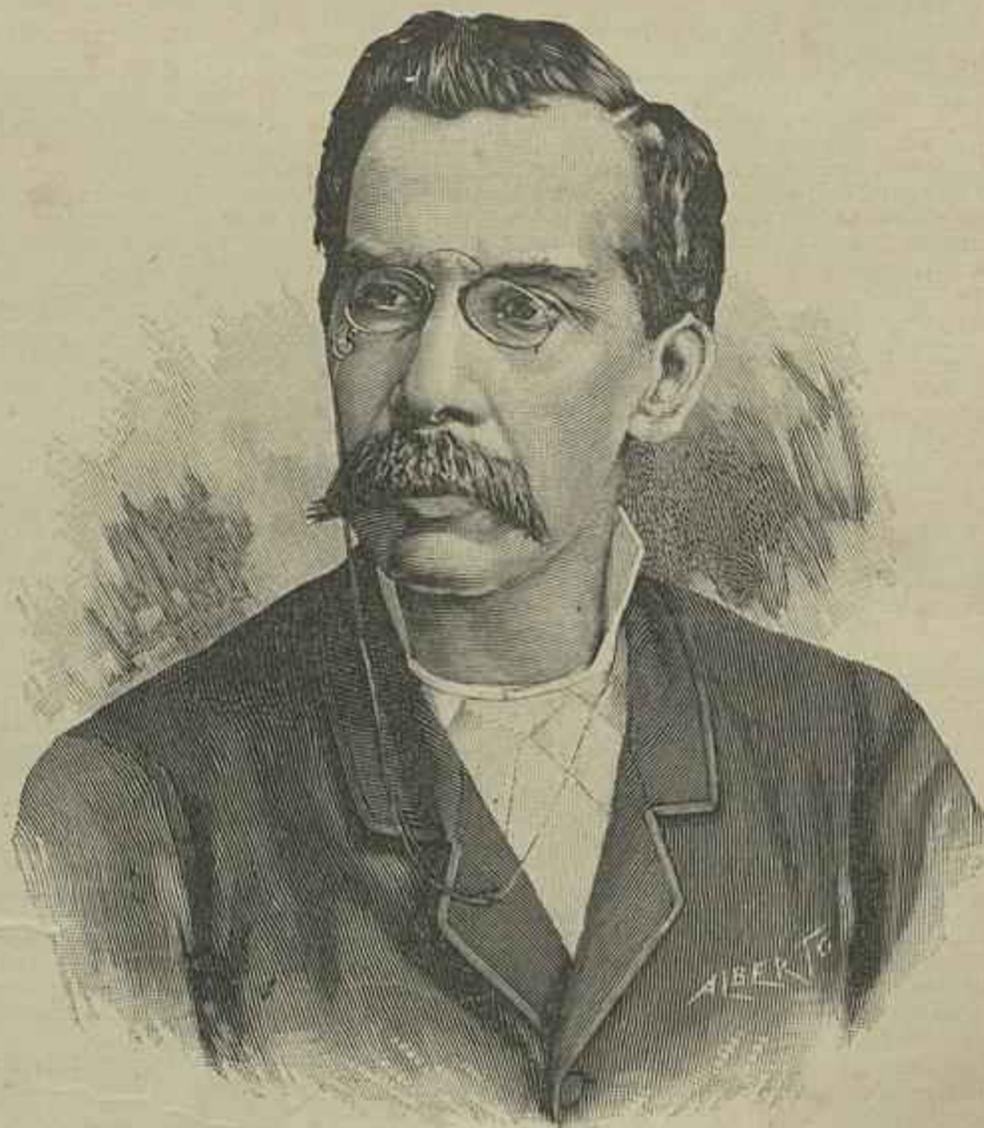
Quem não chorou com *Rodolpho* e *Mimi*? É o poema da mocidade mais completo que tem sido escripto. O sol da primavera é quem n'elle faz desabrochar todas as flores e scintillar como perolas de orvalho as lagrimas. Quem não leu aquelle livro em novo, não o leia depois de velho, que o não saberá comprehender. Talvez uma saudadesinha, uma reminiscencia, uma paisagem não de todo apagada pela esponja do tempo, possa fazer vibrar uma ou outra fibra no coração; mas o poema tem de ser sentido por completo, aquelles amores de curta duração deve ser comprehendida

a intensidade. Acabaram; isso que importa? Dá mais luz o sol n'um instante do que em seculos a lamparina d'uma alcôva.

Musette, qui n'était plus elle,
Disait que je n'étais plus moi.

Tudo acabára! Mas que importava? A saudade do sonho que fóra, que ambos invocavam de novo, não querendo para a vida abrir os olhos preguiçosos, trazia-lhes um sorriso aos labios, como que

O NOVO MINISTERIO



CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO — PRESIDENTE DO CONSELHO
E MINISTRO DO REINO

a promessa d'uma frescura para a velhice, que apontava ao lonje.

Foi para esse poema delicioso que Puccini descobriu as mais deliciosas melodias. Os que conheciam Murger iam ouvir a opera com receio de ver estragado um sonho; foram esses os primeiros que se ergueram applaudindo.

Para esse exito estrondoso concorreram os artistas encarregados do desempenho e mais que todos a sr.^a Ferrani, a realisação do typo tão femino de Mimi.

E só de theatros se póde agora fallar, pois que outras festas tiveram de ser adiadas para a paschoa, por causa do lucto a que a corte foi obrigada pela morte da sr.^a duqueza de Montpensier.

S. M. a sr.^a D. Amelia, não tem apparecido, como costumava outros invernos, animando com o seu alegre sorriso e natural distincção essas tardes tão formosas, em que a primeira sociedade portugueza costumava concorrer á Avenida, á hora em que o sol já começa a descer e bandos de pardaes chilreiam nas arvores em que já apontam as primeiras folhas annunciando a proxima primavera.

O seu luto afasta-a.

Ha dias, tendo ido com seus filhos admirar a Torre de Belem, dizem que ficou escandalizada por ver a obra prima da architectura portugueza offendida e maltratada pela visinhança sacrilega d'aquelle enorme gazometro, que não criminosa ergueu, que mais criminosa vereação consentiu n'aquelle local.

Aquella vergonha deveria quanto antes desaparecer.

Quando tanto se fallava no centenario da India, houve quem se lembrasse de procurar obter as assignaturas dos principaes artistas portuguezes, membros das academias, homens de lettras, historiadores, professores, para todos juntos protestarem junto do governo contra aquelle escandalo estúpido, que fere quanto ha de mais sensível e santo na alma humana.

Esmoreceu a idéa das grandes festas; mas, que isto se obtivesse, mais se haveria feito honrando os grandes heroes portuguezes.

As nossas glorias estão escriptas em cada uma d'aquellas pedras, tão eloquentemente como nos heroicos dos *Luziadas*.

O que se fez junto da Torre é como taboleta a gritar a quem entra a barra de Lisboa que tome conta consigo, que está em terra de selvagens.

Sejam quaes forem os sacrificios, custe o que custar, aquillo tem que desaparecer pela honra e bom nome de todos nós.

Hoje que tanto precisamos do passado para n'elle encontrarmos lição para o futuro, são benemeritos quantos possam descobrir mais um motivo em nossa historia que nos dê honra para o nome de portuguez.

E a proposito.

Um livro interessante acaba de sahir agora dos prelos: *A Mocidade de Gil Vicente* por Julio de Castilho, um verdadeiro benemerito esse, um portuguez de lei.

É um livro encantador que põe em toda a sua luz um dos maiores vultos da litteratura portugueza, o criador da arte dramatica em Portugal, o que nunca em genio comico foi igualado entre nós.

Depois de tantos annos de quasi esquecimento, Gil Vicente que modernamente já dera ao visconde de Ouguella motivo para um livro de critica historica e umas vinte paginas de optima critica litteraria, parece querer resurgir triumphante tres seculos e meio depois de sua morte.

Actor e auctor, elle mesmo em Evora, pelo natal de 1523, assim fallava a El-Rei pela bocca do lavrador *Vasco Affonso*:

E hum Gil... hum Gil... hum Gil...
(Que má retentiva hei!)
Hum Gil... já não direi:
Hum que não tem nem ceutil,
Que faz os aitos a el-rei,
Elle me fez,
E tirou de minha aquella,
Muito ainda em que me pez,
Que entrasse cá na capella
Proveiar hum antremez.

Aito euido que dezia,
E assim euido que he;
Mas já não aito, bofé,
Como os aitos que fazia,
Quando elle tinha com que:
Mas o mundo he já desgorgomelado;
Todo bem se vai o fundo:
O dinheiro anda acoissado,
E o prazer vagabundo.

Esse pobre Gil Vicente, que, como todos os poetas portuguezes, graças a Deus, andava sempre sem ceutil, o que não impedia de ser um genio, apparece-nos agora n'uma aureola triumphal, como se todo o oiro que lhe faltou fosse hoje empregado em fazer-lhe o resplendor.

O livro que o Visconde de Castillo acaba de publicar, meio romance meio historico, trata apenas da mocidade do poeta e é, ethnographica e historicamente fallando, um verdadeiro primor, como era de esperar do auctor da *Lisboa Antiga*.

Transporta-nos a outros tempos, faz-nos viver da vida intima das suas personagens, está cheio de quadros primorosamente encantadores.

É um livro para ficar, um livro em que se aprende.

João da Camara

O NOVO MINISTERIO

Na rotação dos partidos coube agora o poder ao partido progressista, que o *ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890, fixera demettir-se.

Ha sete annos, pois que estava ausente do governo, tendo-se succedido n'este lapso de tempo quatro gabinetes: o primeiro presidido pelo sr. Antonio de Serpa, regenerador; o segundo pelo, hoje, fallecido general João Chrisostomo de Abreu e Souza, chamado ministerio de concentração; o terceiro pelo sr. José Dias Ferreira, e que denominaram ministerio nephelibata; e o quarto presidido pelo sr. Hintze Ribeiro, de feição regeneradora e que occupou o poder nos ultimos quatro annos, e de que deu a demissão, no dia 6 do corrente.

Foi o sr. conselheiro José Luciano de Castro, como chefe do partido progressista, o encarregado por El-Rei o Senhor D. Carlos, de formar ministerio, o qual organisou da seguinte forma:

Presidencia e reino, conselheiro sr. José Luciano de Castro; fazenda, conselheiro sr. Ressano Garcia; estrangeiros, conselheiro sr. Mathias de Carvalho e Vasconcellos; marinha, conselheiro sr. Barros Gomes; guerra, general sr. Francisco Maria da Cunha; obras publicas, conselheiro sr. Augusto José da Cunha; justiça, conselheiro sr. Francisco Beirão.

Todos os membros do novo gabinete já foram ministros de estado á excepção do general sr. Francisco Maria da Cunha, que pela primeira vez é chamado aos conselhos da coroa.

São todos homens politicos conhecidos, entretanto não deixaremos de escrever aqui algumas das suas principaes notas biographicas acompanhando os seus retratos, que o OCCIDENTE hoje publica.

CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO. E' pela segunda vez presidente do conselho e ministro do reino, tendo sido a primeira vez, em 1886, no ministerio que subiu ao poder em 20 de fevereiro d'aquelle anno. Tem hoje pouco mais de 62 annos, pois que nasceu no conselho de Aveiro, em 14 de Dezembro de 1834.

Desde 1853 que é deputado e foi pela primeira vez ministro em 1 de junho de 1870, da pasta da justiça. Depois ministro do reino de 1 de junho de 1879 a 25 de marco de 1881.

E' director geral dos proprios nacionaes e governador da Companhia do Credito Predial Portuguez, para que foi nomeado pela morte de Fontes Pereira de Mello.

Caracter honrado e limpo, cioso das prerrogativas da Carta, tem tentado a reforma de alguns dos seus artigos, apresentando, em varias legislaturas projectos de lei n'esse sentido. Agora são ainda essas reformas que parece dominar no seu espirito, pois quer formar cortes constituintes para esse fim.

Como ministro a sua estada no poder ainda não se assignalou por alguma medida de grande alcance, d'essas que consagram um estadista.

Dotado de notaveis qualidades de orador, é dos que mais tem honrado a tribuna parlamentar e póde-se dizer que n'ella conquistou, com justiça, a sua cadeira de ministro, porque em Portugal para se sobraçar uma pasta é preciso primeiro sobraçar a rhetorica.

O seu passado honrado é garantia do seu futuro.

CONSELHEIRO FREDERICO RESSANO GARCIA. — Foi ministro da marinha na ultima recomposição do ministerio progressista, quando este partido esteve no poder, e agora estava indicado para ministro das obras publicas, encarregando-se por fim da pasta da fazenda, em consequencia do sr. Pereira

de Miranda não ter annuido a fazer parte do actual gabinete.

O sr. Ressano Garcia tem sido deputado em varias legislaturas e foi par do reino electivo. Actualmente não tinha assento em nenhuma das camaras.

É engenheiro de minas e tendo concluido os seus estudos em Paris, por 1870, alistou-se voluntariamente na guarda nacional de defeza da grande cidade e ali fez serviço. E ha muitos annos engenheiro da camara municipal logar que obteve por concurso, assim como o de professor do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, 2.^a cadeira. Tambem é lente da Escola do Exercito dos cursos auxiliares. Director de varias companhias, deixou agora a presidencia da direcção da companhia das Aguas para fazer parte do ministerio.

Está ainda no vigor da vida e não lhe faltam dotes para o elevado cargo que é chamado a desempenhar.

CONSELHEIRO HENRIQUE DE BARROS GOMES. — Antigo parlamentar e dos mais illustres por seu saber e estudo. Membro respeitavel do seu partido o seu nome impõe se logo para qualquer situação progressista. E' a terceira vez que é ministro, tendo-o sido a primeira vez, em 1879, da pasta da fazenda, e a segunda de 1886 a 1890 dos estrangeiros, tendo tambem gerido interinamente a da marinha.

O sr. Barros Gomes, nasceu em 1843, e foi estudante distincto da Escola Polytechnica.

Foi durante a sua gerencia dos negocios estrangeiros que se deu o desagradavel conflicto com a Inglaterra de que resultou o brutal *ultimatum* d'esta potencia.

Parece que este desgosto tinha levado o sr. Barros Gomes a não mais entrar na vida activa da politica, mas, como dissemos, o seu nome impõe-se e é indispensavel para formar um gabinete progressista, por isso o sr. Barros Gomes sacrificou-se ao seu partido.

E' par do reino, conselheiro de estado e antigo director do Banco de Portugal.

Escriptor de merecimento tem publicado alguns livros de valor historico e litterario.

CONSELHEIRO MATHIAS DE CARVALHO E VASCONCELLOS. — Foi ministro da fazenda, em 1865, no ministerio presidido pelo duque de Loulé, ministerio que teve curta duração, e em que, por isso, o sr. Mathias de Carvalho não poude provar as suas qualidades de estadista.

Por esses tempos foi nomeado director da casa da Moeda, e á sua iniciativa se deve o impulso e progressos que aquelle estabelecimento tem tido.

Deixou a direcção da Casa da Moeda para entrar na carreira diplomatica, sendo nomeado ministro de Portugal, no Rio de Janeiro, onde fez bom logar. Do Rio de Janeiro passou para a legação de Roma como ministro portuguez junto do Quirinal e ali se conservou muitos annos até 1894, em que foi transferido para Berlim, demorando-se pouco tempo n'aquelle corte e voltando para Italia. Muito estimado n'esta corte, ainda agora teve d'isso prova, no jantar que os reis de Italia lhe offerceram, antes da retirada do illustre diplomata para Portugal a tomar conta da pasta dos negocios estrangeiros.

O sr. Mathias de Carvalho é natural de Cantanhede onde nasceu em outubro de 1832.

Frequentou a Universidade de Coimbra onde se doutorou na faculdade de philosophia em 1854 e da qual foi lente.

Dispõe de elevados dotes de intelligencia e saber, com longa pratica da politica internacional, na sua carreira diplomatica, o que de certo lhe permittirá fazer um bom logar de ministro dos estrangeiros.

GENERAL FRANCISCO MARIA DA CUNHA. — Ha muito tempo que estava indicado para ministro e por mais de uma vez lhe foi offerecida a pasta da guerra, a que sempre resistiu.

Filiado no partido progressista que tem acompanhado com dedicacão, não podia deixar, n'este momento, de acceitar a pasta da guerra, para que lhe não faltam decerto habilitações na sua carreira militar em que tem desempenhado importantes commissões de governo e de administração.

O sr. general Cunha nasceu em Angra do Heroismo a 22 de dezembro de 1832 e sentou praça no extincto regimento de infantaria n.^o 10, seguindo depois a arma de artilheria. Foi alumno do Collegio Militar, muito distincto.

Eleito deputado independente por Elvas em 1863, onde então estava, voltou á camara em novas legislaturas, eleito por Macau e Timor em 1869, para onde tinha ido como commandante do batalhão de Macau.

Desempenhou durante algum tempo o lugar de sub-chefe da 4.^a repartição do ministerio da guerra.

Em 1878 foi nomeado governador geral da provincia de Moçambique, lugar que desempenhou de modo superior e lhe valeu a commenda da Torre e Espada. No regresso á metropole d'esse governo foi nomeado par do reino.

Em 1882 foi nomeado director do Collegio Militar e ali concorreu largamente para os melhoramentos realisados n'aquelle estabelecimento de ensino.

Foi commandante geral da arma de artilheria e, promovido a general de brigada, em 1890, foi pouco depois encarregado pelo ministro da marinha sr. Antonio Ennes, do governo geral da India commissão de que se desempenhou superiormente.

General de divisão, em 1 de janeiro de 1895, havia assumido ha pouco o commando da 1.^a divisão militar.

CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA. — Antigo professor da Escola Polytechnica e do Instituto Agrícola, sendo na primeira lente de calculo e no segundo de mechanica e topographia. Foi um dos professores do actual rei Senhor D. Carlos e a sua capacidade de homem de sciencia é geralmente reconhecida.

Em 1880 foi nomeado director da Casa da Moeda e sob a sua direcção tem este estabelecimento progredido desenvolvendo muito as suas officinas de cunhagem e impressão. Só assim a Casa da Moeda tem podido satisfazer ás exigencias do serviço que hoje é consideravel, tanto na impressão de cedulas de 100 e 50 réis, como na de estampilhas do correio e imposto do selo.

Foi pela primeira vez ministro em 1891, encarregado da pasta da fazenda, e ainda que a sua gerencia não foi das mais felizes, nem por isso foi menor o seu desejo de bem servir o paiz n'aquelle lugar.

Parece que sua ex.^a não entrou de animo leve no actual gabinete, e que só os compromissos partidarios o levaram a aceitar a pasta das obras publicas, commercio e industria.

Já foi par electivo pelos collegios scientificos, mas actualmente não faz parte de nenhuma das camaras.

CONSELHEIRO FRANCISCO ANTONIO DA VEIGA BEIRÃO. — Pela segunda vez se encarrega da pasta da justiça, sendo a primeira, no ministerio progressista de 1886 a 1890. E' orador fluente e brilhante e, desde 1866, que pela primeira vez entrou no parlamento, tem conservado mais ou menos o seu lugar, sendo nos ultimos annos eleito pelo Porto.

O sr. dr. Beirão, nasceu em Lisboa a 24 de julho de 1841, e formou-se em direito na Universidade de Coimbra em 1862, sendo ali condiscipulo de Costa Lobo, Fernandes Vaz, Saraiva de Carvalho e outros estudantes distinctos do seu tempo, entre os quaes se distinguiu vantajosamente.

Advogado muito conceituado é hoje presidente da associação da sua classe.

Elaborou o Codigo Commercial que lhe valeu justos elogios e a Associação Commercial do Porto offereceu-lhe por esse motivo, uma medalha de ouro expressamente cunhada para aquelle fim.

E' conservador do districto de Lisboa e professor de Direito Commercial no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, logares que obteve por concurso.

Deputado da minoria, nas côrtes que o governo transacto dissolveu, está ainda bem na memoria de todos a sua attitude n'aquelle assemblea, em que reagiu fortemente contra o cerceamento das liberdades parlamentares pelo regimento interno.

A. S.

O VAPOR «PORTUGAL»

NAUFRAGADO NA ILHA DO SAL

Um telegramma do sr. governador de Cabo Verde, recebido em Lisboa, no dia 12 do corrente trouxe a noticia de ter naufragado, na ilha do Sal, o vapor *Portugal*, da carreira d'Africa Occidental e pertencente á Empresa Nacional de Navegação.

O vapor *Portugal* vinha em viagem d'Africa para Lisboa e tinha sahido de S. Thiago para S. Vicente, no dia 4 d'este mez, devendo chegar ao Tejo no dia 18.

Não chegando a S. Vicente, onde havia noticia da sua sahida de S. Thiago, o governador sr. Serpa Pinto, mandou a canhoneira *Ave* procurar o *Portugal*, a qual voltou no dia 12 com a noticia

de ter encontrado este vapor encalhado na ilha do Sal, estando parte do navio destruido assim como a carga perdida, tendo-se salvo a tripulação e os passageiros.

O vapor *Portugal* fora adquirido pela Empresa Nacional de Navegação, em 1881, adquirindo tambem por esse tempo o vapor *Angola*.

Foi construido pela *East ship building Company*. Era um bello navio de 295 pés de comprimento, 25 de largura e 25 de altura com 1:960 toneladas.

Tinha seis compartimentos e alojamentos separados, incluindo os da 3.^a classe para mulheres e doentes, quartos de banho, botica e camarote independente para o facultativo, etc.

Tinha uma camara para cada classe, medindo a da primeira 63 pés de comprimento e sendo os alojamentos luxuosamente decorados.

Acommodava 60 passageiros de 1.^a classe, 32 de 2.^a e 120 de 3.^a.

O vapor *Portugal* fazia a carreira da Africa Occidental desde 1881.

PRETIDÃO DE AMOR

A proposito d'este livro do nosso querido amigo e collaborador do OCCIDENTE, o sr. dr. Xavier da Cunha, recebemos a interessante carta que vae lêr-se, do distincto professor o sr. José Bénoliel, que muito presamos:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro

Vox quidem, vox Jacob est, sed manus, manus sunt Esau.

Genesis. xxvii. 22.

Não sei como foi que estas palavras, proferidas pelo patriarcha Isaac perante as delicadas iguarias que, com voz e phrase não menos delicadas, lhe apresentava o seu filho Jacob, me acudiram á memoria ao saborear com o espirito e os olhos o verdadeiramente delicioso acipice da «Pretidão de amor».

E se o santo Patriarcha abençoou logo e duplamente o seu filho, por ser filho seu, e por ser... tão habil na arte culinaria, que muito que eu agora, como descendente de ambos, bem que tão humilde quanto elevados eram elles, do fundo da alma abençoe e louve e felicite o auctor de tão saborosa obra, e o nobre e benemerito Mecenas que, a exemplo de Prometheu, concedeu aquella a luz e a vida, ou antes deu a mesma obra á Luz para augmentar a esta o natural resplendor com tão rico feixe de luminosos brilhantes!

Louvar, congratular é facil em palavras; mas o que não posso é devidamente exprimir por este meio o vivo prazer que a leitura de tão lindo livro me proporcionou; a minha admiração crescente e renascente em frente de cada pagina de erudição profunda quanto modesta do auctor; o meu espanto perante o inexgotavel thesouro de preciosissimos versos tão graciosamente e com tão fino gosto escolhidos no mar immenso da poesia portugueza e estrangeira; o encanto do estylo primoroso, natural, fluente, sympathico em toda a extensão da palavra, e fortemente caracterizado d'essa galhardia e donaire que lembram gratamente tempos e entes de sempre saudosa memoria.

Não sei se o aphorismo de Buffon: «Le style c'est l'homme» não será muitas vezes suplantado pela satanica maxima de Talleyrand, agora, porém, a victoria ficou toda ao naturalista francez, pois que, quem conhecer o Dr. Xavier da Cunha, está mesmo a vê-lo e ouvi-lo na sua obra, tal como elle é.

Obra monumental, ou seja monumento de arte e saber, erguido á gloria das letras portuguezas, synthetizadas no grande genio de Camões, não é só a belleza do estylo do seu principal auctor, que constitue o seu unico adorno, mas tudo n'ella é formoso: o modo: a idéa que a inspirou, a collecção e profusão de flores e joias poeticas que tão risonhamente esmaltam e engrinaldam as estancias da *Barbara Captiva*, o luxo da riquissima edição, o esmero e apuro typographico, a que é impossivel achar um senão, a variedade de linguas e genios de tantos apaixonados adoradores das Musas, e sobretudo aquelle não sei como lhe chame, amor patrio, amor das letras, amor do bello, amor do amor, que fez com que um douto portuguez, Xavier da Cunha, desvelada e carinhosamente nos introduzisse e associasse ao ingente amor do grande vate, e com que outro illustre portuguez, v. ex.^a, amorosamente apadrinhasse a idéa e a sympathica criação d'um tal obreiro. *Mala aurea in lectis ar-*

gentis, dizia o Sabio Rei, e tudo n'esta obra realisa plenamente aquella biblica imagem.

Nem podia deixar de ser assim. O nome de Camões, a par do de Orpheu, tem a particularidade de bastar só por si para inspirar até aos menos idealistas altos pensamentos; sensações indiziveis, vivos desejos de possuir e abrir azas para voar até os sobranceiros pináculos aonde taes Numes residem no meio de nuvens de luz e coroados de aureolas de gloria. E, pois, de admirar, que um delicado espirito, um coração de poeta, como o Dr. Xavier da Cunha, encontrasse no convivio do mytho da poesia portugueza, estro e motivo para produzir alguns centos de deleitosas paginas, embora cinco estancias apenas do Mestre lhes sirvam de causa prima, ou antes, de pretexto?

Só cinco estancias de versinhos pentasyllabos! E prodigioso!

Mas o que ainda é mais singular é a fecundidade do assumpto que, não obstante tudo quanto suggeriu ao distincto commentador, todavia não ficara esgotado, como o prova um soneto do proprio Camões, que não vejo inserto na *Pretidão de amor*, e que, ao meu ver, constitue mais uma versão das endechas, mais um preito de homenagem com que, honrosamente, podia entrar no certamen poetico promovido pelo Dr. Xavier da Cunha, o proprio amante da linda filha do Ganges.

Eis aqui o soneto:

Presença bella, angelica figura,
Em quem quanto o Ceu tinha nos tem dado;
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se está rindo a Formosura:

Olhos, onde têm feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado,
Que vemos ja no verde delicado
Não esperanza, mas inveja escura:

Brandura, aviso, e graça, que augmentando
A natural belleza c'hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta:

São as prisões de um coração, que, preso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a serêa na tormenta.

É facil, com effeito, observar que: ou as endechas e o soneto foram compostos no mesmo tempo por isso que as expressões, figuras e successão de ideias e imagens são identicas em ambos — ou o soneto foi feito posteriormente ás endechas, e por tanto são estas que lhe serviram de thema.

E' natural que haja algumas variantes devidas á differença de genero, medida e espaço — e principalmente a um dos caracteres peculiares ao eminente Poeta, o de poder dizer cem vezes a mesma coisa sem se repetir nunca, como o provam numerosos exemplos, d'entre os quaes peço licença para citar apenas um, nas seguintes estancias, em que encontro e sempre encontrei um encanto inexprimivel:

Entre estes penedos
Que daqui parecem,
Verdes hervas crescam,
Altos arvoredos.
Vae d'estes rochedos
Agua, com que as flores
D'outras são regadas,
Que matão d'amores.

Com agua, que cai
D'aquella espessura,
Outra se mistura,
Que dos olhos sai:
Toda junta vai
Regar brancas flôres,
Onde ha outros olhos,
Que matão d'amores.

Celestes jardins,
As flores estrellas:
Hortelôas d'ellas
São huns seraphins,
Rosas e jasmims
De diversas côres,
Anjos, que as regão,
Matão-me d'amores,

Confrontem se estas redondilhas com o seguinte soneto:

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claros e frescos aguas de crystal,
Que em vós os debuxaes ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:

Sylvestres montes, superos penedos
Compostos de concerto desigual;
Sabei que sem licença de meu mal
Ja não podets fazer meus olhos lados.

E pois já me não vades como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vam.

Semarei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nasceram saudades de meu bem.

E agora este quarteto:

O claras aguas de este blando rio,
Que em vos al natural estais pintando
El frontilero adorno con que alzando
Se vá a los cielos este bosque umbrío

E este outro:

Brandas aguas do Tejo que, passando
Por estas verdas campos que rigais,
Plantas, hervas, e flores, e animais,
Pastores, nymphas, ides alegrando

E mais esta oitava:

Campo, que te estendes
Com vertura bella,
Ovelhas, que n'ella
Vonso pasto tendes;
D'hervas vos mantendes
Que traz o verão;
E eu das lembranças
Do meu coração.

Comparações e aproximações assim podem
fazer-se muitas; mas em todas encontraremos
sempre a variedade na forma, não obstante a uni-
dade do fundo. Haja senão vista as numerosas
paraphrases, imitações e applicações que sugges-
ta a Camões o Psalmo 137. (Vulgata 136): *Supper
flumina Babylonis*, pelo qual o grande cantor ti-
nha uma bem manifesta predilecção. Além da mag-
stral e sublime paraphrase:

Sobolos rios que vão, etc.

d'uma perfeição e belleza *hors ligne*, temos o
soneto que começa assim:

De Babel sobre os rios nós sentamos
outro,

Sobre os rios do Reino escuro, quando
e o seguinte,

Em Babylonia sobre os rios, quando
e mais adiante,

Na ribeira do Euphrates assentado,
e a violenta diatriba,

Cá n'esta Babylonia d'onde mamã

admiravel soneto, em todos os pontos de vista,
e que se termina por tres versos que parecem
forjados no Etna pelos cyclopes da lenda, versos
em que a alliteração do c duro produz um effeito
de sacudida e palpitante indignação:

Cá n'este escuro caos de confusão
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, São!

Emfim, e para que se veja o partido que um es-
pírito como o de Camões sabe tirar de tudo, este
soneto, dirigido a uma dama:

Senhora minha, se eu de vós ausente
Me defendera de um penar severo,
Suspeito que offendera o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.

Traz este, logo sinto outro accidente,
E he ver que se da vida desespero,
Perco a gloria que vendo-vos espero;
E assi estou em meus males diferente.

E n'esta differença meus sentidos
Combatem com tão aspera porfia,
Que julgo este meu mal por deshumano.

Entre si sempre os vejo divididos;
E se acaso concordão algum dia,
E só conjuração para meu dano.



CONSELHEIRO HENRIQUE DE BARROS GOMES
MINISTRO DA MARINHA



CONSELHEIRO MATHIAS DE CARVALHO
E VASCONCELLOS
MINISTRO DOS EXTRANJEIROS

A primeira vista não se adverte o que n'este so-
neto haja de commum com os antecedentes e por-
tanto com o Psalmo que lhes deu origem; mas
compare-se com algumas estancias da primeira
paraphrase citada, e em seguida surgiram as ana-
logias e semelhanças:

Terra bem-aventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada,
Minha penna seja dada

A perpetuo esquecimento.
A pena d'este desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quizer
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem sem te ver,
A voz, quando a mover,

O NOVO MINISTERIO



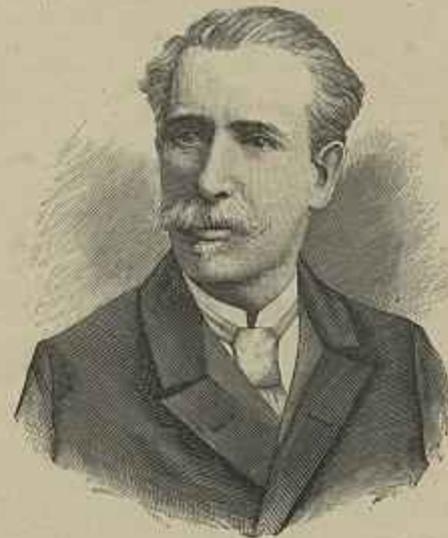
CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA
MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS



GENERAL FRANCISCO MARIA DA CUNHA
MINISTRO DA GUERRA



CONSELHEIRO FRANCISCO ANTONIO
DA VEIGA BEIRÃO
MINISTRO DA JUSTIÇA



CONSELHEIRO FREDERICO RESSANO GARCIA
MINISTRO DA FAZENDA

Se me congele no peito;
A minha lingua se apegue
As fauces, pois te perdi,
Se enquanto viver assi,
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.

e n'algumas estancias depois, a lucta interna dos
instinctos:

Que os olhos e a luz que atea

O fogo que cá sujeita,
Não do sol, nem da candeia,
He sombra d'aquella ideia,
Qu'em Deus esti mais perfeita.
E os que cá me captivário,
São poderosos effeitos
Qu'os corações tõe sujeitos;
Sophistas que me ensinário
Mãos caminhos por direitos.

Destes o mando tyrano

M'obriga com desatino
A cantar ao som do dano
Cantares de amor profano,
Por versos d'amor divino.

E depois d'esta curta digressão, voltarei, se m'o
permite, ao meu ponto de partida, isto é, ao so-
neto que, no meu parecer, nasceu directamente
das *Endechas*, e confrontal-o-hei com estas, pa-
lavra por palavra.

Com effeito, ao primeiro verso do soneto:

Presença bella, angelica figura,

correspondem, nas *endechas*, os versinhos seguin-
tes:

Presença serena

Tão doce a figura

Rosto singular

Não é preciso dizer que o adjectivo *serena* não
cubria no verso do soneto, como *angelica* era
longo de mais para o da *endecha*.

Em quem quanto o Ceo tinha nos tem dado

Nem no campo flores,
Nem no cao estrellas,
Me parecem bellas,
Como meus amores.

O verso decasyllabo exprime sob a forma affir-
mativa e collectiva, o que a quadrinha designa em
expressão negativa e exclusiva.

Começa o 3.º verso do soneto com as palavras:

Gesto alegre

e nas *endechas* lê-se:

Leda mansidão

O que tem a mais este ultimo verso compensa-
l-o-ha o soneto mais adiante com a palavra
brandura.

Gesto alegre de rousas semeado,
Entre as quies se está rindo a Formosura

Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meu olhos
Fosse mais formosa.

E eu nunca vi nada mais formoso que estas
duas expressões do mesmo pensamento. E' cu-
rioso notar que, na imagem do soneto, é a For-
mosura que se ri entre rousas, e nas *endechas*, é a
rosa que sobressai entre os suaves molhos de for-
mosas flores. Agora, qual das duas formas é a
mais bella? Quem o ouzará decidir? Não eu, de
certo; o mais que posso fazer é citar uma ter-
ceira, que prova, que para Lambert, nada era im-
possivel. N'outro soneto diz elle

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta;
Nas bellas faces, e na bocca e testa,
Cecens, rosas e cravos debuxando.

Mas continuemos a confrontação do nosso so-
neto, cuja segunda quadra é:

Olhos, onde tõe feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado,
Que vemos ja no verde delicado
Não esperança, mas inveja escura.

Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de marar.

No soneto, a pretidão dos olhos é tal, que dis-
pensa falar na cor dos cabellos e da pelle; mas
nas *endechas* sente-se a necessidade, e o espaço
maior o permite, de mencionar cada cousa por
sua vez. Assim é que lá temos:

Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde opinião
Que os louros são bellos.

Pretidão de amor
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a cor.

Repare-se nas duas antitheses. D'um lado, a pretidão é tão doce, que a belleza dos cabellos loiros fica eclipsada, ou a neve sente inveja d'essa mesma pretidão, e, de boa vontade, mudaria por ella a sua brancura.

Do outro lado, o preto dos olhos é tão soberano, meigo, e promettedor que a cor verde perdeu o seu merecimento, e não já de *esperança* deve ser emblema, mas sim de *inveja*.

As duas imagens são idénticas, em principio, e se se distinguem na forma, é para provar que nunca está exausta a palheta d'um grande artista.

Brandura, aviso,

Leda mansidão
Que o sisó acompanha

A equivalência é evidente.

e graça, que augmentando
A natural belleza co'hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta:

Uma graça viva,
Que nelles lhe mora,
Para ser senhora
De quem é captiva.

Este *desprezo* — será a *graça* que o sente para com a *belleza*, como se e *graça*, ou antes o *espírito*, conscio da sua superioridade, ligasse menos importancia aos dotes physicos, do que resultaria, pelo contraste da modestia, maior realce e merecimento da natural belleza? Ou esse *desprezo* conterá alguma fugitiva allusão á origem e estranheza da Barbara, o que explicaria aquella especie de repetição pleonastica:

que augmentando
A natural belleza co'hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta?

Em ambos os casos, o pensamento é idéntico; pois que aquella *graça viva* vai ter sempre o mesmo resultado, que é augmentar-lhe a belleza e tornal-a senhora de quem é captiva.

Emfim, acaba o soneto por estes versos:

São as prisões de um coração, que, preso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a serêa na tormenta.

Esta é a captiva,
Que me tem captivo;
E pois n'ella vivo,
E força que viva.

A analogia entre o primeiro verso do terceto e a ultima quadra das endechas é frisante. Quanto ao segundo, chamado pela palavra *preso*, é uma d'essas imagens gratas ao Poeta, e de que faz uso varias vezes, como se vê, por exemplo, dos versos sexto e setimo da seguinte deliciosa estrophe:

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espesso arvoredado;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o traballador, cantando,
O trabalho menos sente.

Entre parentese e de fugida, permita-se-me comparar aos cinco primeiros versos d'esta estancia os cinco seguintes de V. Hugo, que, se as não imitou e quasi traduziu, deu, mais uma vez e d'um modo surpreendente, a prova de que «Les grands esprits se rencontrent». Ao menos, os nossos auctores de selectas francezas que, com justa razão, transcrevem os versos de V. Hugo, para proveito dos estudiosos portuguezes, em nada deslustrariam as suas obras, se, em casos analogos, acompanhassam as poesias estrangeiras escolhidas, da citação das nossas que lhes deram origem ou que com ellas se assemelham. Eis aqui os versos de Victor Hugo:

Un hymne harmonieux sort des feuilles du tremble;
Les voyageurs craintifs, qui vont la nuit ensemble,
Haussent la voix dans l'ombre ou l'on doit se hâter.
Laissez tout ce qui tremble
Chanter.

É escusado pôr os pontos nos i i, ou, n'este encontro fortuito ou voluntario, querer determinar

a qual dos dois, Camões ou V. Hugo, pertence a palma do lyrismo.

Sem mais commentarios, poderá quem lêr ajuizar, e eu, voltar ao meu argumento, para a conclusão do qual só me falta falar do ultimo verso do soneto:

Como faz a serêa na tormenta.

A ideia d'este verso obedece, como a dos outros do mesmo soneto, a uma suggestão das endechas, e n'este caso, foi a ultima estancia, e d'esta a primeira quadra, que diz:

Presença serena
Que a tormenta amansa.

Quem tiver cavado na vinha da litteratura, e principalmente cultivado a poesia, comprehenderá o curioso phenomeno suggestivo a que obedeceu o espirito de Camões n'esta singular occorrença. Sabido é que o Grande Vate conhecia, como a propria, a lingua hespanhola, em que fez versos nada inferiores aos melhores que n'este idioma tenham sido escriptos. Ora a palavra hespanhola *serena* corresponde ás palavras portuguezas *serena* e *serena*, e por consequencia, a proximidade d'essa palavra *serena* da palavra *tormenta* nos dois versos:

Presença serena
Que a tormenta amansa

fez de repente surgir-lhe no espirito a ideia do ultimo verso do soneto:

Como faz a serêa na tormenta.

Quem já tiver feito versos, repito, saberá apreciar quanto é justa esta asserção, porque por muitas vezes terá já experimentado a influencia que exercem umas palavras sobre outras quando um mero acaso as approxima, phenomeno este que tem alguma analogia com os variados effeitos do caleidoscopio, e que o artista, de imaginação flexivel, viva, e adestrada a toda a especie de combinações, sabe, pelas illações que de tudo infere, habilmente aproveitar para os seus fins.

Assim, pois, creio que bastaria este ultimo verso para provar que o soneto é immediatamente derivado das Endechas da Barbara Captiva.

E como aqui acaba o soneto e juntamente a demonstração que prometti, é razão que tambem dê fim a esta já desproporcionada epistola; mas não, porém, sem que, mais uma vez repita a v. ex.^a e ao illustre sabio, e muito meu afeiçoado amigo e sr. Dr. Xaxier da Cunha, os meus sinceros parabens por terem levado a cabo tão util e formosa obra, a *Pretidão de amor*, modelo de arte e erudição litteraria, que, honrando e exaltando as letras patrias, servirá de incentivo para novos trabalhos do mesmo genero.

E agradecendo penhoradissimo a v. ex.^a e ao sr. Dr. Xavier da Cunha o exemplar com que se dignaram obsequiar-me, assigno-me, com toda a deferencia,

De v. ex.^a
Att.^a amg.^a e cr.^a obrg.^a

Lisboa, 11 de fevereiro de 1897.

J. Benoliel.

HISTORIAS PORTUGUEZAS

MEMORIAS DO MAJOR ***

MEU TIO FREI ANTONIO FERREIRA

I

Os noviços do convento de Borba

Havia, nos fins do seculo passado, um guardião no convento de Borba que deixou mais um capitulo tragico na historia das ordens monasticas de Portugal. Professara elle amar a Deus sobre todas as coisas, mas o seu coração, em demasia affectuoso, não se contentava com o abstracto amor divino, e, além do amor a Deus, prestava tambem ardente culto a algumas das suas creaturas.

Rigoroso com os noviços, pregava-lhes a castidade, mas não lhes dava o exemplo, e o espirito da rebellião começou de accender-se n'aquelles corações, que pulsavam rijo com os impetos d'um sangue juvenil. Entregue aos appetites da carne

não previa o pervertido frade as más consequencias de tão desvairado comportamento, e como estava, com as suas loucuras, accendendo n'elles um temeroso incendio.

Sobre sensual era impudico, não occultava os seus amores. Era na matta contigua ao convento que as amantes se encontravam com elle, e sabiam-no, como toda a gente, os seus pupillos espirituales. Elle a todos affrontava, dominado pela diabolica luxuria que d'elle se apossara.

São os maus exemplos mestres de ruindades; a uns pervertem, a outros irritam, e a sua repetição apressa as catastrophes. Assim aconteceu a este mau religioso, e foi o grande castigo, como grande era o peccado. Um dia os noviços conspirados surprehenderam o seu guardião em pratica amorosa na matta, e o desgraçado teve ali a sorte de Abeilard! Depois fugiram.

Era um d'estes Antonio Ferreira. Muito novo ainda e dotado d'um animo intrepido, de Hespanha, para onde se passara, resolveu ir-se a Roma peregrinando, e realisou o proposito. Como foi, valeu-lhe o habito, e foi de convento em convento até á cidade eterna? É provavel, e creio até que isto fosse já um principio de expiação. O que é certo é que aos pés do Summo Pontifice fez elle a confissão do crime, de que fora cúmplice.

Costumam em taes casos valer aos peccadores o poder, a auctoridade, a influencia dos grandes dignitarios da Igreja, e até a dos potentados do mundo secular; mas o obscuro noviço, não tinha allí a quem recorrer, nem entre os patricios, nem entre os estranhos.

N'esta penuria, n'este isolamento, accudiu-lhe talvez a protegê-lo a singularidade do crime, que podia justificar-se com a exaltação do espirito religioso; a espontanea apresentação e confissão do reu, que para tal fim viera de tão longes terras; a extrema mocidade, e a natural viveza do seu espirito, que, a julgarmol-o pelos actos, tinha um cunho, e correspondia a um character, que já não eram communs n'aquelle tempo.

Quanto tempo permaneceu Fr. Antonio Ferreira em Roma não o sabemos, e as penitencias que lhe foram impostas ignoramol-as: o que constava em Beja era que lhe fora pela Curia intimada a prohibição de voltar para Portugal, até nova ordem.

E escolheu elle então a nação mais proxima, e em Salamanca, e na sua celebre Universidade, completou os seus estudos, formando-se em mais de uma faculdade. Anos depois o ex-noviço de Borba, já frade professo, ponde vir para Portugal e viver junto dos seus, em Beja.

A sua vida tragica e aventureosa, a sua peregrinação a pé até Roma, a frequencia da celebre Universidade hespanhola, o mundo que elle tinha visto, os grandes personagens que conhecera e frequentara na corte pontificia, o italiano e o hespanhol, que fallava correctamente, o sutaque estrangeiro, que adquirira durante a sua estada em Italia e em Hespanha, tudo isto creou em volta d'elle, n'aquella pequena terra de provincia, uma certa atmosphera de exotismo e de mysterio, que ficava bem á figura erecta, sócca e altiva de fr. Antonio.

Estava-se nos ultimos annos do ultimo quartel do seculo xviii, quando a França via todo o mundo agitar-se á voz dos seus poetas, dos seus philosophos, dos seus romancistas e dos seus pamphletarios; quando a revolução levantara em Paris a sua bandeira tricolor, e os seus sanguinolentos cadafalsos. Imagine-se, pois, o sentimento complexo — mixto de curiosidade, de receio, quasi de terror — que aos seus patricios, n'aquella epocha e n'uma povoação afastada da capital, então muito mais do que hoje — devia inspirar um homem que percorrerá tantas terras, visitara os conventos mais celebres da christandade, e em Roma ficara conhecendo e sabendo, *de visu*, a vida publica e particular, os negocios divinos e as intrigas profanas, a historia official e a chronica secreta da corte dos Papas! Ouviam-o como oraculo, respeitavam-o como doutor: olhavam-o como uma especie de mago, sabedor de sciencias e de coisas ignoradas e inacessiveis á capacidade do commum dos mortaes!

A flor da gente da terra — as pessoas de bem — como então se dizia, procuravam-o para o consultar e para o ouvir; a sua casa era, em linguagem moderna, o *club* da terra; morava allí, por assim dizer, um representante da civilização europea, os que o ouviam era como se estivessem a uma janella, d'onde disfructassem o espectáculo da vida dos povos, que elle visitara.

O assumpto preferido era quasi sempre a vida

romana do seu tempo, em que elle lia de cadeira. Seculares uns, outros ecclesiasticos, travavam ás vezes dialogos em que a philosophia se empenhava com a theologia em discussões altas sobre os pontos mais graves e discutidos da sciencia dos Agostinhos e dos Origenes, e então elle defendia com paixão e vigor a doutrina orthodoxa, auctoridade, e as regalias da Igreja. As theorias revolucionarias tinham em fr. Antonio Ferreira um adversario decidido, um inimigo irreconciliavel.

Quando elle, no circulo intimo dos seus amigos, se expandia sobre a vida frascaria, sobre as aventuras dos cortejos e das cortejas da corte pontificia, era tambem um obreiro da revolução, mas n'este caso, como o Jourdain, de Moliere, era revolucionario sem o saber.

A arrua meuda da terra, quando o via passar, dizia:

— Lá vac o Fr. Antonio Hespanhol. Aquillo correu as sete partidas do mundo, e fallou com o Papa em Roma!

Que interessantes seriam as memorias d'este homem! Bastava que nos contasse a sua vida.

Seja a vaidade ou o orgulho quem inspira os auctores de memorias, que pena que não se manifestem por essa forma, entre nós, uns defeitos, que nos dão tanto prazer!

(Continua) — Zacharias d'Aça.

O NARIZ DO TABELLIÃO

POR E. ABOUT

IV

ELVAÇÃO E DECADENCIA

Messer L'Ambert reapareceu entre a boa sociedade com o melhor exito — estou quasi em dizer, até, que o fez com gloria. Concediam-lhe ampla justiça os padrinhos, proclamando que se batera que nem um leão.

Tabelliões dos mais encanecidos no officio sentiam-se rejuvenescer em presença de taes provas de valentia.

— Ah! ah! é para que vejam o que nós somos quando nos querem levar á parede; saibam que por sermos tabelliões, nem por isso deixamos de ser homens! Messer L'Ambert foi atraído pelo azar da peleja; mas como é bello succumbir de tal modo; aquillo foi outra Waterloo! Digam lá o que disserem, somos ainda uns catitas.

Assim diziam o tão respeitavel Messer Clopineau, o dignissimo Messer Labrique, o unctuosos Messer Bontoux, e os nestores do notariado, em Messer. Os mais recentemente encartados exprimiam-se em termos que vinham quasi a dar na mesma, com variantes, porém, inspiradas no ciúme:

— Não é nosso intento renegar a Messer L'Ambert: honra a classe, certamente, comquanto, até certo ponto, a comprometta;—do primeiro até ao ultimo, todos haveriamos dado provas de identico esforço, e quiçá de menor ineptidão.—Um funcionario ministerial não deve consentir que o pisem, impunemente: resta saber se hade sair a terreno, sem ter da sua parte a razão. Não se aceita um qualquer repto sem motivos admissíveis. E eu, qualquer chefe de familia, preferia antes entregar meus negocios a um discreto do que a um escalda-favaes, etc. etc. Mas a opinião das mulheres da-favaes, etc. etc. e pronunciaram-se estas a favor do heroe de Parthenay. Não teriam talvez sido tão unanimes se soubessem a tempo d'aquelle episodio do gato; e é possível que, se acaso Messer L'Ambert se houvesse permitido apparecer sem nariz sobre o tablado do mundo, o sexo injusto e encantador lhe deitasse as culpas para cima. Os padrinhos, porem, das partes ambas, foram discretos com respeito ao ridiculo incidente: e Messer L'Ambert, em vez de estar desfigurado, dir-se-hia que ganhara na troca. Notou até certa baroneza que a physionomia do tabellião apresentava expressão muito mais meiga, desde que entrara a usar nariz rectilineo. Uma conega (a malicia, de escabèche) perguntou ao principe de B... se não tencionava ir em breve armar questão ao turco? O aquillo do principe de B... disfrutava reputação hyperbolica.

Perguntará alguém como é que senhoras da boa sociedade podiam interessar-se por perigos não afrontados por causa d'ellas? Eram sobejamente conhecidos os habitos de Messer L'Ambert, e a quarta parte quer do coração quer do tempo que na Opera dispendia. O mundo, porem, perdôa facilmente taes distrações aos homens

que a ellas se não entregam por inteiro. Da descontos a estas coisas, e contenta-se com o pouco que elles lhe dispensam. Levavam em conta a Messer L'Ambert que se não tivesse deixado cair, em circunstancias, nas quaes tanto homem da sua idade perde de todo as estribeiras. Não houvera da parte do tabellião descuido em frequentar as casas mais consideradas; conversava com viúvas que tinham a terça, dansava-lhes com as meninas e mostrava, chegada a occasião, as suas prendas de musico, e de musico muito aceitavel; e notem que nunca fallava em cavallo que estivesse em moda. Taes merecimentos, assaz raros entre os jovens milionarios do bairro aristocratico, grangeavam-lhe a benevolencia das damas. Ha quem diga, até, que mais de uma julgára praticar acção piedosa, disputando-o ao foyer das dansarinas. M.^{me} de L... uma beata bem bonita, lograra provar-lhe, pelo espaço de tres mezes, que os mais apreciaveis quindins e attractivos, não constituem monopólio do escandalo e da dissipação.

Todavia, não se divorciara elle inteiramente do corpo de baile; e a severa lição que apanhou não lhe inspirou o minimo horror para com essa hydra das cem cabeças bonitas. Uma das primeiras visitas que fez, foi ao foyer aonde campava M.^{me} Victorina Tompain. Ali, sim, ali é que a sua entrada foi d'espavento! Com que affectuosa curiosidade lhe correram ao encontro! Tudo era chamarem-lhe menino, amor da minha alma e queridinho! Que apertos de mão tão cordeaes! A gracinha com que estendiam o beque para receber um beijinho d'amizade, sem consequencias! E elle, nas suas sete quintas! Os amigos todos dos dias pares, a caterva dos dignatarios da franco-maçonaria do prazer, vieram dar-lhe parabens por tão maravilhosa cura. Durante um entre-acto inteiro reinou em tão apreciavel reino. A narração do desafio era escutada com interesse; fizeram-n'o repetir os pormenores do tratamento que lhe applicára Bernier; e todos a uma admiravam a finura dos pontos de sutura que era já difficil distinguir.

— Quem hade dizer que o excellent Mr. Bernier me completou com a pelle d'um auverneiz. E que auverneiz, pae do céu! O mais estúpido! o mais tosco, o mais sujo dos que até hoje para cá mandou o Auverne! Ninguem tal diria, vendendo o retalho de pelle que elle me vendeu! Forte bestiaga! que desagradaveis quartos de hora me não fez passar!... Os moços de frêtes que estacionam ali por essas esquinas... são uns dandies ao pé d'elle. Graças a Deus, estou livre de o aturar! no dia em que lhe paguei e o puz no meio da rua, fiquei aliviado d'um peso bem bom. Chamava-se Romagné, olhem que nome! Façam favor de o não pronunciar ao pé de mim! Que nem por sombras me venham falar no tal Romagné, se e que teem amor á minha vida! Romagné! M.^{me} Victorina Tompain não foi das ultimas em cumprimentar o heroe. Ayyaz abandonára-a indignamente, deixando-lhe quatro vezes mais dignheiro do que ella valia. O guapo tabellião mostrou-se meigo e elemente para com ella.

Não te quero mal por isso, dizia-lhe; nem mesmo guardo rancôr ao turco... um bom rapaz. Neste mundo conheço apenas um inimigo, um auverneiz, por nome Romagné.

Dizia Romagné com entonação comica que deu no gôto. Creio até que, ainda hoje, muitas d'essas meninas dizem: «O meu Romagné», quando se referem ao aguadeiro da casa.

Decorreram tres mezes; tres mezes de verão. Estava linda a estação; pouca gente ficou por Paris. A Opera foi invadida por estrangeiros e gente da provincia; Mr. L'Ambert passou a ser menos assiduo.

Quasi todos os dias, ás seis horas, despojava-se da gravidade de tabellião e safava-se para Maisons-Laffite, onde alugára um chalet. lam lá ter com elle os amigos e as amigas mais intimas, até. Entregavam-se, no jardim, a jogos campestres de toda a casta, e queiram crer que o baloiço não sabia o que era ter folga.

Figurava entre os mais assiduos e alegres frequentadores, Mr. Steinburg, agente de cambio. O negocio de Parthenay estreitara relações entre elle e messer L'Ambert. Pertencia Mr. Steinburg a uma familia de israelitas-conversos; valia o seu cargo, bem á vontade, dois milhões de francos, e a quarta parte, pelo menos, era só d'elle; era caso, portanto, para que com elle se estreitassem as relações de amizade. As amázijs dos dois amigos davam-se muito bem, venho eu a dizer na minha, que, se jogavam ás cristas, era uma só vez por se-

mana. Oh! quanto é bello ouvir pulsar dois corações em andamento unisono! Os cavalheiros montavam a cavallo, liam o Figaro, ou recovavam da cidade os mexericos; as damas deitavam cartas, umas ás outras, por turnos, com immenso espirito: — a idade aurea em miniatura!

Mr. Steinburg tomou como dever o apresentar o seu amigo á familia. Levou o consigo a Bréville, onde o papá Steinburg mandára erguer um castello. Foi messer L'Ambert mui bem recebido por um velhinho mui lampeiro, por uma senhora de cincoenta e dois annos, que não abdicára, por emquanto, e por duas meninas assaz garridas. Percebeu logo, á primeira vista, que não penetrara entre fosseis. Isso sim! Aquillo era a familia moderna aperfeiçoada. Pae e filho eram dois camaradas que trocavam chufas a proposito das respectivas estroinices. As meninas tinham visto tudo quanto em theatros se representa, e lido tudo quanto se escreve em letra redonda. Poucas conheceriam como ellas a chronica elegante de Paris; tinham-lhes indicado, quer no espectáculo, quer no bosque de Bolonha, as mais celebres formosuras dos diversos mundos; haviam-n'as levado a leilões de mobílias ricas, e dissertavam mui cumpridamente acerca das esmeraldas de M.^{lle} X... ou das perolas de M.^{lle} Z... A mais velha, M.^{lle} Irma Steinburg, copiava com paixão as toilettes de M.^{lle} Fargueil; a mais nova mandára um amigo seu indagar de M.^{lle} Figeac, onde é que morava a sua modista. Quer uma quer outra eram ricas e tinham bem bom dote. Agradou a Irma a messer L'Ambert. O guapo tabellião dizia, de vez em quando, lá consigo, que meio milhão em dote é mulher que veste bem não são coisas que ninguem despreze. Viram-se bastas vezes, quasi que uma vez por semana, até que appareceram os primeiros serões de novembro.

Em seguida a um outomno suave e luminoso, cahiu, como uma bomba, o inverno. O facto é assaz commum n'este nosso clima; porém o nariz de messer L'Ambert deu, n'essa epoca, provas de pouco vulgar sensibilidade. Avermelhou um tanto, e depois mais; foi inchando pouco a pouco, a ponto de se tornar quasi disforme. Em seguida a certa cacada que o vento norte veio espertar, o tabellião começou a sentir comichão intoleravel. Viu-se ao espelho, na estalagem, e ficou descontente com a côr do nariz. Dir-se-hia uma fricira fora do seu logar.

Consolava-o a idéa de que um bom lumesinho de lenha viria restituir-lhe o rosto natural, e, com effeito, o calor aliviou e distinguiu o em poucos momentos. O prurido, porém, no dia seguinte, refinou, os tecidos inchavam a bom inchar, e a côr vermelha tornou a apparecer, atirando um tanto para róxo. Oito dias de reclusão, ao pé do lume, desvaneceram a tinta fatal. Reappareceu, porém, á primeira sahida, a despeito das grossas pelles de rapoza azul.

D'esta vez é que messer L'Ambert entrou a ter medo; mandou chamar, á pressa, o doutor Bernier. O doutor veio logo, verificou haver leve inflammiação e receitou compréssas d'agua gelada. O nariz refrescou, mas curar, não se curou. Messer Bernier estava attonito perante a teimosia do mal.

— No fim de contas, Dieffenbach é possível que tenha razão. Pretende que o retalho de pelle pode, por excesso de sangue, morrer e que se lhe deve deitar bichas. Experimentemos!

Pendurou o tabellião uma sangue-suga no nariz. Quando a bicha se despegou, a abarrota de sangue, foi substituida por outra, e assim por diante, dois dias e duas noites consecutivas. Inchaço e côr, por uns tempos, desvaneceram-se; as melhoras, porém, não tiveram muita dura. Foi preciso appellar para outro meio. Pediu o doutor Bernier vinte e quatro horas para reflectir, e invertiu quarenta e oito. Quando voltou á residencia de messer L'Ambert, vinha preocupado, tímido até. Teve de se contrafazer para dizer a messer L'Ambert:

— A medicina não consegue dar conta de todos os phenomenos naturaes, e vou submitter-lhe uma theoria sem caracter algum scientifico. Os meus collegas zombariam talvez de mim se eu lhes dissesse que um pedaço de pelle cortado do corpo a um homem, pode permanecer sob a influencia do antigo dono. E o seu sangue, expellido pelo coração, sob a acção de cerebro, que afflue tão desastradamente ao nariz. E comtudo, estou tentado a acreditar que aquelle palonço d'aquelle auverneiz não é extranho a tal acontecimento.

Messer L'Ambert não se pôde calar. Lembrar-se elle que um vil mercenario a quem pagára, a quem nada devia, tinha poder para exercer influencia occulta sobre o nariz d'um funcionario ministerial... «Já é impertinencia!»

— Peior ainda! é absurdo! e comtudo peço-

lhe licença para ir em busca do Romagné. Tenho necessidade de lhe fallar hoje ainda, quando mais não seja, para me convencer do meu erro.

— Guardou a morada do homem?

— Deus me livre!

— Pois então, vou já começar a bater matto. Encha-se de paciência, feche-se no quarto, e não faça tratamento de especie alguma.

(Continúa).

Pin-Sel.



Recebemos e agradecemos:

Duas palavras sobre pavimentos, por Francisco Liberato Telles de Castro da Silva. Lisboa, 1896. A bibliographia technica portugueza acaba de ser enriquecida com o bello livro *Pavimentos*, seguro

ria. A encantadora revista franceza, que brevemente vae entrar no seu terceiro anno, é na verdade um *magazine* modelo; a novidade do seu formato e a variedade dos artigos, dão-lhe um successo crescente.

Os números que temos presentes, outubro, novembro e dezembro, mantem os creditos que a graciosa publicação tem conseguido obter.

Educação Nacional, revista portuense. Director Antonio Figueirinhas. Apenas temos recebido o 1.º e o 2.º n.ºs d'esta publicação, destinada á defeza da instrucção, o que em verdade faz com acerto, e são muito dignos de se lerem e meditarem os artigos acerca da *centralização do ensino* e de *notas de frequência*, nos quaes que combate e aprecia com isenção a actual reforma da instrucção secundaria.

Os restantes artigos são selectos e á altura da bem redigida revista.

Carlos Gomes — *O Guarany*, opera em 4 actos, com um pequeno proemio por Francisco Pacheco. Pará — Brazil — Editores, Alfredo da Silva & C.

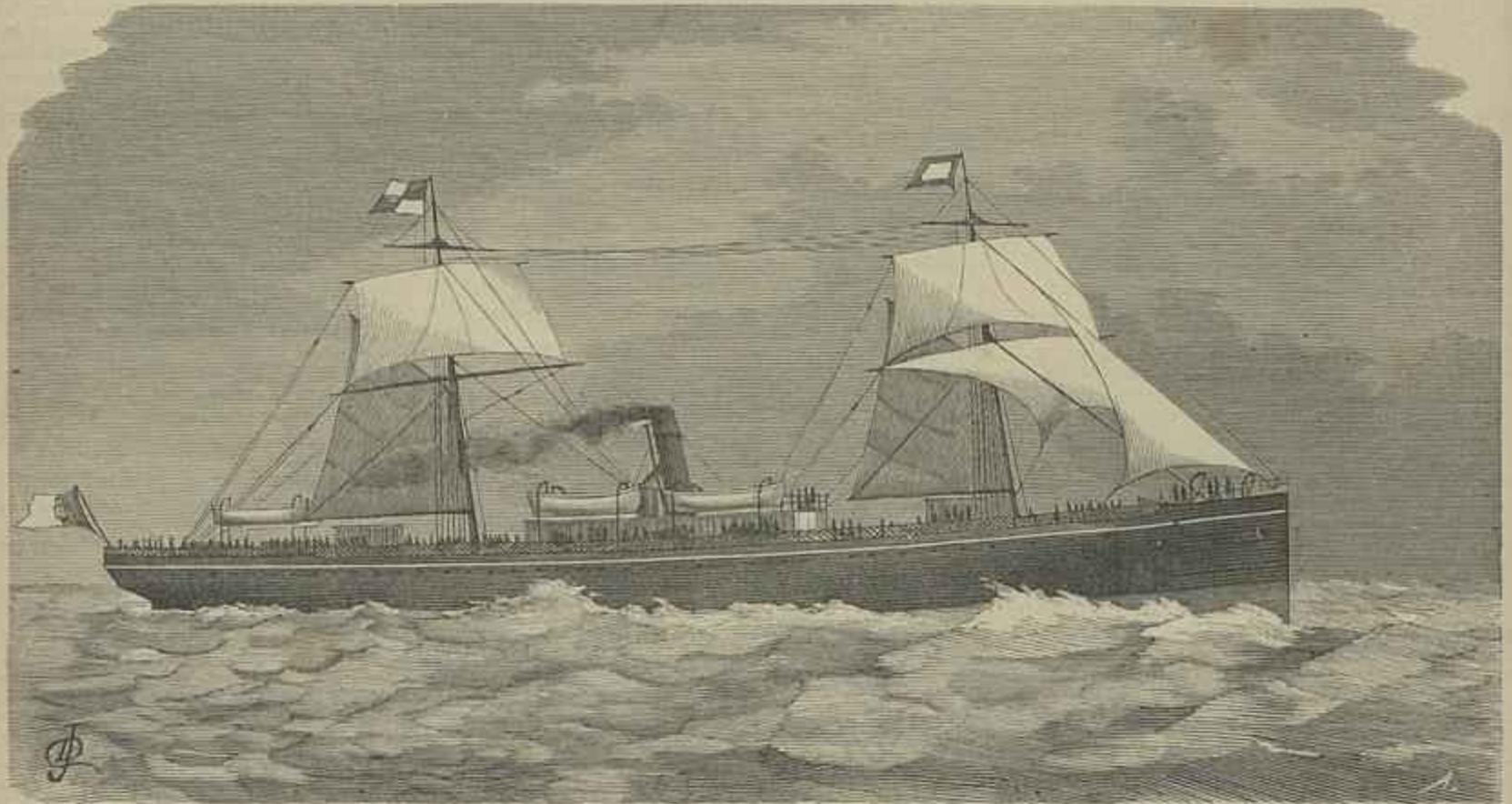
epoca, nós entendemos que é mister facilitar esse estudo. E esse, a nosso ver, o principal fim das revistas litterarias.

Comprehendendo assim, e muito bem, a *Alvorada* insere trechos de escriptores da actualidade de diferentes principios e seguindo escolas diversas, pretendendo derramar a ideia precisa da nossa litteratura na presente epoca.

E', como não podia deixar de ser, ainda bastante restricta a collaboração da *Alvorada*, mas esperamos que mais tarde possa prehencher melhor o seu designio, mantendo uma collaboração variada e profusa.

A Resurreição. *Nova Goa. Imprensa Nacional*. — E' uma mimosa poesia original do sr. Damião de Sousa, nitidamente impressa a côres em fino cartão pelo habil director da Imprensa Nacional de Nova Gôa, sr. Augusto Holtremann, e offerecida pelo mesmo senhor aos seus amigos, na occasião da Paschoa de 1895.

E' um bom exemplo das artes graphicas na India Portugueza, e uma composição graciosa e saudativa.



O VAPOR «PORTUGAL» NAUFRAGADO NA ILHA DO SAL, NO DIA 3 DO CORRENTE.

manual para todos aquelles que se interessam pela construcção civil, e que é constituido pelos apontamentos profissionais do distincto conductor de primeira classe do quadro auxiliar do corpo de engenharia civil, sr. Liberato Telles.

O presente livro, nitidamente impresso e profusamente illustrado com lithographias de pagina inteira, está dividido em duas partes, tratando a primeira dos pavimentos exteriores e a segunda dos interiores; tudo isto muito claramente exposto, apresentando rara competencia e muitas vezes até erudição, como na parte segunda, em que o sr. Liberato Telles amenisou, como o fez na primeira, com interessantissimas notas historicas e artisticas os assumptos de que trata.

A parte que se refere a *mozaicos* e a *dos azulejos* é muito curiosa e digna de se estudar, tornando este livro de uma leitura agradável e instructiva, o que na verdade o embelleza e o faz sobressahir entre os livros da especialidade, porquanto não tem a aridez que os caracteriza.

Não podemos, pois, ao noticiar a appareição d'este magnifico livro, deixar de felicitar o sr. Liberato Telles pela interessante obra com que dotou a nossa minguada bibliographia technica e industrial. Oxalá o seu exemplo fructifique.

Le Monde Moderne. Revue mensuelle illustrée. A. Quantin, éditeur-directeur. 5, rue Saint-Benoit. Pa-

ris. — Recebemos este livrinho de veras gracioso, um verdadeiro mimo das artes graphicas no Pará, e que representa o elevado grau de perfeição a que a imprensa chegou na Amazonia, mercê dos aturados esforços do nosso illustre compatriota e distincto artista, sr. Alfredo Silva, que assim honra a industria portugueza no estrangeiro.

Não é este o primeiro trabalho de Alfredo Silva; muitos outros tem merecido de toda a imprensa brasileira os mais justos encomios e devidos louvores, pelo que o felicitamos vivamente como amigo querido e irmão glorioso, porque outra coisa não é Alfredo Silva para a grande familia dos graphicos portuguezes.

Devemos a gentil offerta, que tanto nos penhora, do encantador livrinho, ao nosso estudioso e illustrado collega e compatriota Francisco Pacheco, o qual escreveu um delicioso proemio para a elegante publicação.

Alvorada, revista litteraria universal portuense. Porto, 1896. O 1.º numero do elegante hebdomadario sahiu em outubro passado e temos continuado a recebê-lo com regularidade. No artigo de apresentação, o sr. Paulo Osorio, director da novel publicação, diz:

«Sendo a litteratura de um povo um elemento precioso para o estudo da sua civilização n'uma

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras

retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 59